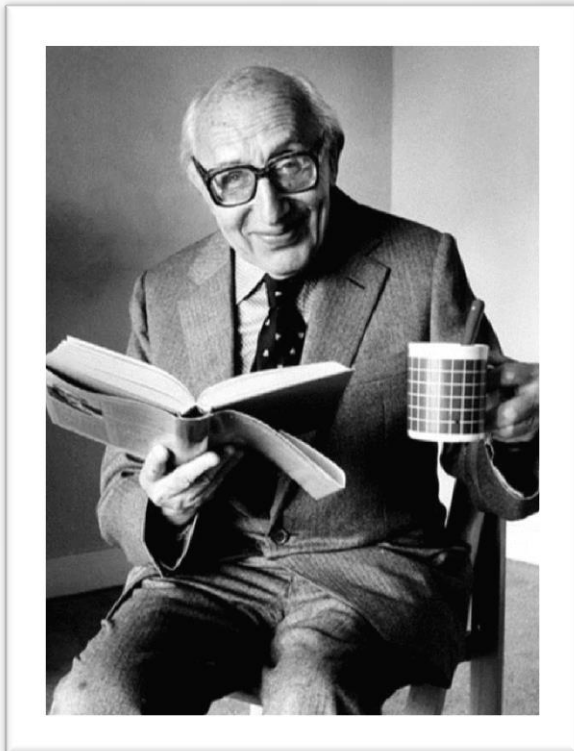


A IMPORTÂNCIA DE PENSAR A SOCIEDADE DOS INDIVÍDUOS

Por: Eliana Maria dos Santos¹



Norbert Elias 1897 - 1990

Este artigo tem como foco principal as contribuições de Norbert Elias no que diz respeito a entender a participação dos indivíduos na sociedade. Elias (1994) coloca uma questão central para compreendermos a sociedade, ou seja, a relação entre a pluralidade de pessoas e a pessoa singular 'indivíduo' e da pessoa singular com a pluralidade. O autor faz um recorte para entender como os seres humanos individuais ligam-se uns aos outros numa pluralidade, isto é, numa sociedade.

A Sociedade dos indivíduos é o resultado do esforço do autor em analisar o Processo Civilizador. Elias observa que os padrões sociais de auto-regulação que o indivíduo desenvolve dentro de si, ao crescer e se transformar num indivíduo único, são específicos de cada sociedade. O autor evidencia que fatos que em determinada época era motivo de vergonha, num século posterior não o era e vice-versa. A mudança de comportamento era reflexo de que ponto cada pessoa era influenciada pela posição no fluxo do processo social.

Assim como Elias também nos interessa saber quais os determinantes que levam os indivíduos a comportar-se de determinada maneira, são os indivíduos que organizam a sociedade ou são a sociedade que organizam os indivíduos, qual o peso dos indivíduos e de determinados indivíduos nesta organização. Segundo Elias (1987) a questão de saber de que maneira e por que razões os homens se ligam entre si e, formam em conjunto grupos dinâmicos específicos constitui um dos problemas mais importantes para a sociologia. A constatação que chega é sobre as interdependências entre indivíduos. O fato de que os

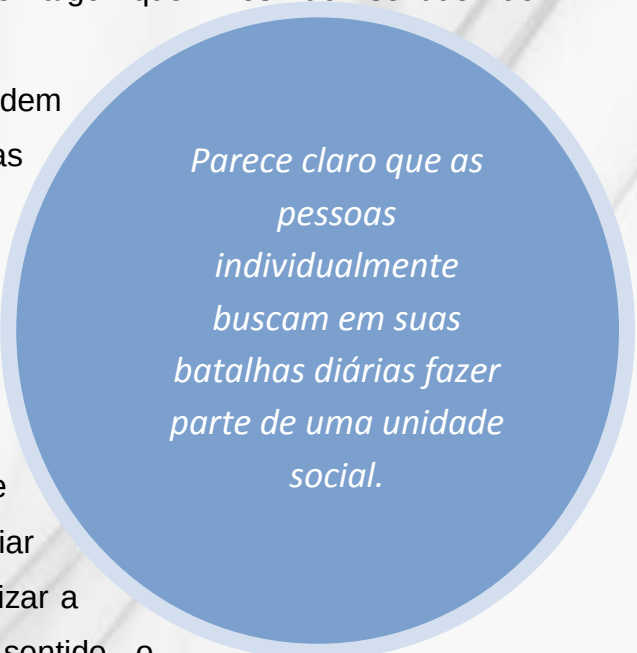
¹ Professora e coordenadora do setor de Sociologia do Colégio Estadual do Paraná.

homens não se apresentam como seres totalmente fechados sobre si próprios mas, como indivíduos que dependem uns dos outros e formam entre si agrupamentos de grande diversidade pode ser observado e provado pelas investigações empíricas (ELIAS; 1987:178).

Indivíduos e Sociedade

Os conceitos de sociedade e indivíduos encontram explicações em diversas áreas do conhecimento, diferentemente da psicologia a sociologia dá ênfase às ações dos indivíduos em suas relações em sociedade e não no indivíduo isolado. Algumas teses argumentam que a divisão do trabalho, a organização do Estado entre outras formas de organização da sociedade são meios para atingir o “fim” que é a manutenção da unidade social, sendo esta o fim propriamente dito da vida individual (ELIAS, 1994:17). Parece claro que as pessoas individualmente buscam em suas batalhas diárias fazer parte desta unidade, elas buscam constantemente algo que lhes dê sentido de pertencimento de estarem incluídas.

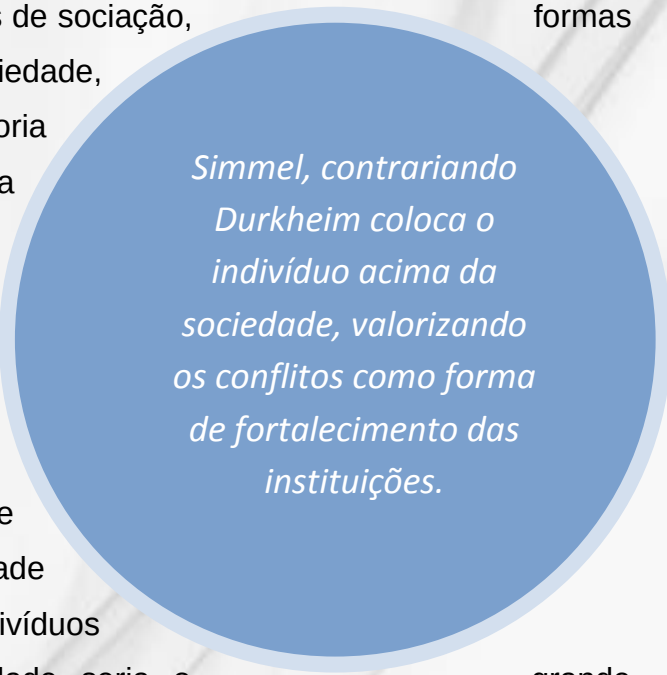
Elias questiona a existência de uma ordem social capaz de harmonizar as necessidades e inclinações do indivíduo e as exigências feitas a cada indivíduo pelo trabalho para manutenção e eficiência do todo social. Remetendo-nos a gênese da Sociologia, início da sociedade industrial vimos a intenção de seus precursores da necessidade de criar uma ciência que pudesse ajudar a organizar a sociedade, evitando o caos. Neste sentido o positivismo encontrou espaço privilegiado, defendendo a busca da ordem e a harmonia, a funcionalidade de cada órgão de cada parte para o bom funcionamento do organismo social. No estudo “Da divisão do trabalho social”, Durkheim vai defender a sociedade industrial como um processo evolutivo importante. E que a exemplo da vida doméstica a divisão sexual das tarefas, destinando funções de homens (intelectual) e mulheres (afetivas) promovem a solidariedade e harmonia da família, defende que as divisões de funções na



*Parece claro que as
pessoas
individualmente
buscam em suas
batalhas diárias fazer
parte de uma unidade
social.*

sociedade são fundamentais para a solidariedade e harmonia. Afirma: “(...) a divisão do trabalho é fonte, senão única, pelo menos principal da solidariedade social” (Durkheim; 1983: 31). Estes conceitos continuam fortemente arraigados em nossa sociedade, bem como o debate sobre as diferenciações das tarefas conforme a especialidade de cada um, também tratadas por Durkheim. Para ele os conflitos ocorrem quando as funções estão desajustadas à capacidade dos indivíduos. Coloca peso na educação e qualificação, debate que encontra eco nos discursos da meritocracia e exigências de qualificações. Vale destacar as contribuições de Simmel, que deu um novo olhar ao indivíduo em relação à sociedade, contrariando as teses de Durkheim coloca o indivíduo acima da sociedade, valorizando os conflitos como forma de fortalecimento das instituições. Grande observador das transformações sociais percebeu a efervescência acelerada das mudanças, na passagem para a modernidade. Acima de tudo a preocupação de Simmel foi com as reações do indivíduo frente a todo este processo. Os conceitos de sociação, formas de sociação, sociabilidades, sociedade, interação, são o ponto rico da teoria de Simmel, articulação entre forma e ação. Ou seja, as relações dos indivíduos na sociedade, preocupação da sociologia é perceber como estes elementos vão influenciar na sociedade.

Voltando a Elias, o autor afirma que a harmonização entre as necessidades e inclinações pessoais dos indivíduos atingindo a totalidade da sociedade seria o grande desejo, mas que na realidade as ordens sociais não conseguem dar conta de ambas. Desta forma alguns abismos entre os indivíduos e as sociedades vão se consolidando, presente nas contradições entre exigências sociais e necessidades individuais. Remete à ordem invisível que determina os comportamentos das pessoas conforme sua inserção e relação em sociedade, sendo a liberdade de escolha limitada. Elias reforça que “o que é moldado pela sociedade também molda, é a auto-regulação do indivíduo em relação aos



Simmel, contrariando Durkheim coloca o indivíduo acima da sociedade, valorizando os conflitos como forma de fortalecimento das instituições.

outros que estabelece limites à auto-regulação destes, o indivíduo é, ao mesmo tempo, moeda e matriz” (ELIAS, 1987:52). Conceitua a “individualidade” na capacidade psíquica de auto-regulação em relação a outras pessoas e coisas. É preciso pensar que o ser autônomo único é ao mesmo tempo um ser que existe para outros e entre outros.

Auto-imagens e percepções dos seres no mundo

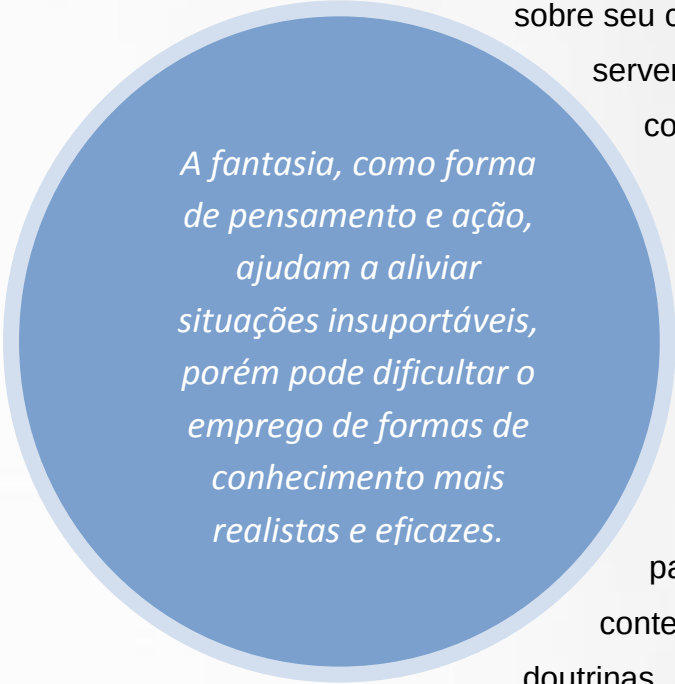
Elias alerta sobre os anseios e temores de pensar sobre a existência, afirma que no curso da história somos como passageiros de um trem desgovernado em disparada, é preciso pensar o que há por trás das máscaras com que nos sufocamos. Segundo ele a fantasia como forma de pensamento e ação ajudam a suportar incertezas e aliviar situações insuportáveis. Levam as pessoas a supor que tenham obtido um discernimento da natureza das coisas e um poder

sobre seu curso, protegem da consciência do perigo, servem de defesa, tornam as sociedades mais coesas, sensação de poder e controle.

Porém argumenta que o pensamento/ação magia pode dificultar o emprego de formas de conhecimento mais realistas eficazes.

Indivíduo, sociedade, personalidade e coletividade constituem armas ideológicas das lutas de poder de vários partidos e Estados. Impregnadas de conteúdo emotivo levam pessoas usarem doutrinas mágicas como meio de solucionar

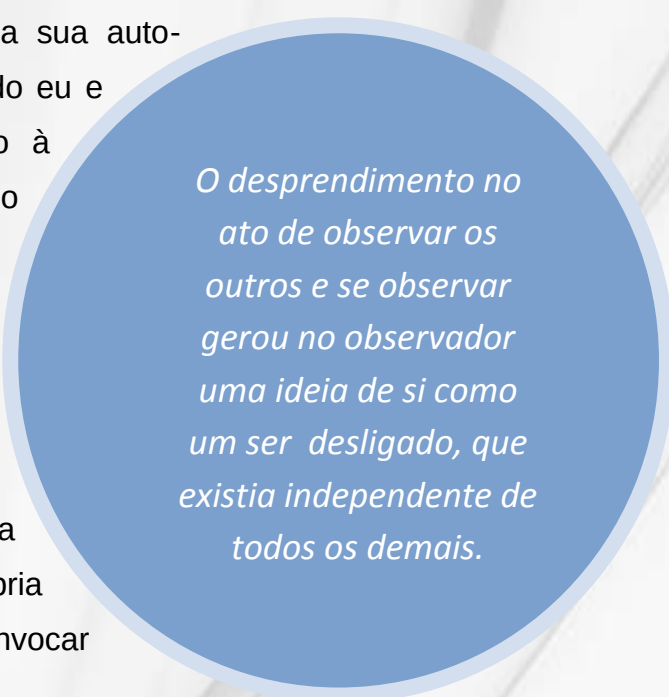
problemas humanos sociais, as palavras são usadas como símbolos senhas (ELIAS, 1987:74). A palavra “indivíduo” pode despertar sentimentos negativos aos adeptos do coletivismo. Por outro lado “sociedade” pode significar igualação/nivelação barra caminho da realização individual, ameaça a liberdade. Para o autor o emprego da palavra “indivíduo” e “sociedade” podem gerar discussões intermináveis. Leva a questionar o fundamento da divisão das Ciências humanas entre as que versam sobre os indivíduos e as que versam sobre as sociedades. Mais que uma fase da divisão científica do trabalho,



A fantasia, como forma de pensamento e ação, ajudam a aliviar situações insuportáveis, porém pode dificultar o emprego de formas de conhecimento mais realistas e eficazes.

divisão separada pela existência separada do próprio objeto de estudo, pode levar à formulação de perguntas confusas, alerta Elias. Afirmar que o desenvolvimento do controle social sobre determinada área da vida é dependente do rigor do pensamento a respeito dela, e vice-versa.

A autoconsciência e imagem do homem constituem processo lento na história da humanidade. Elias destaca a contribuição de Descartes, que formulou de maneira paradigmática o problema do saber e da cognição. “Penso, logo existo”, conclui que um fato era impossível duvidar: da existência do eu. As deliberações de Descartes indicam os problemas que as pessoas se confrontaram ao pensarem em si e na sua auto-imagem quando o panorama religioso do eu e do mundo se tornou um alvo aberto à dúvida. Seu pensamento foi possível pelo afrouxamento do poder das instituições sociais que tinham sido guardiãs da tradição intelectual, seu pensamento reflete a conscientização de que as pessoas eram capazes de decifrar os fenômenos naturais e dar-lhes uma utilização prática com base em sua própria observação e pensamento, sem invocar autoridades eclesiásticas.



*O desprendimento no
ato de observar os
outros e se observar
gerou no observador
uma ideia de si como
um ser desligado, que
existia independente de
todos os demais.*

A partir do renascimento a autoconsciência e a imagem humana foram se formando lentamente, num progresso gradativo. Auto-distanciamento permite a percepção de nós e dos outros, exemplo: o pedestre e o espectador da janela. A dificuldade está na compreensão do duplo papel de observador e observado, conhecedor e conhecido, sujeito e objeto do pensamento e da percepção. O desprendimento no ato de observar os outros e se observar gerou no observador uma idéia de si como um ser desprendido, desligado, que existia independente de todos os demais. Elias aponta como problema epistemológico à forma de autoconsciência humana, noção de um sujeito cognoscente em oposição ao mundo dos objetos cognoscíveis. Como chegar ao conhecimento seguro dos objetos é busca de diferentes correntes de pensamento: empiricistas, racionalistas, sensorialistas ou positivistas. Locke - fidedignidade

nos sentidos, impressões sensoriais das coisas externas e delas destilamos concepções das coisas – imagem do homem como um “dentro” e um “fora” tendo as impressões sensoriais como única ponte entre eles.

Outra questão apontada por Elias é até que ponto as pessoas podiam experimentar coisas “fora” delas através do véu das idéias preexistentes. A parábola das estátuas pensantes é utilizada por Elias para entender as limitações dos indivíduos na sociedade, “as estátuas vêem o mundo e formam concepções dele, mas lhe é negado o movimento dos membros (...) olham de fora para o interior de um mundo, ou de dentro para um mundo lá de fora – um mundo sempre separado delas” (ELIAS, 1994:100). As estátuas além de não ter mobilidade também não se comunicam entre si, apesar de saberem da existência umas das outras, não se vêem. Esse vazio segundo Elias expressa a realidade do mundo ocidental, na forma como são construídas as teorias filosóficas. Bauman (2005) reforça a necessidade de se discutir a identidade, na sociedade atual que ele retrata como sociedade líquida, as diferenças parecem querer se diluir nos processos globalizantes e totalitários, levando a homogeneização à uniformização a perda de referenciais de identidade. Muitas vezes construídos pelo poder midiático, refere-se aos domínios estruturais e ideológicos. Os estudos de Elias pode nos ajudar a pensar a partir da formação das identidades, do habitus social, dos estabelecidos e outsiders.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

ELIAS, N. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, N & SCOTSON, J. Os estabelecidos e os outsiders: a sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SIMMEL, G. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

_____. Sobre la aventura – ensayos de estética – sobre filosofía de la cultura. In: Filosofia da cultura. Barcelona: Ediciones Penínsulas, 2002.

_____. Sobre la individualidade y las formas sociales. Quilmes: Universidade nacional de Quilmes, 2002.

SOUZA, J e ÖELZE, B. (org.). O dinheiro na cultura moderna (1896), A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva (1900) e o Conceito e a tragédia da cultura. In: Simmel e a Modernidade. Brasília: Editora Universidade de Brasília 2005. (p. 23-106)